

A Batalha do Marne

Texto de MARIO SÁ CARNEIRO

IMPRESSÃO DE ANIVERSARIO

Desenhos de FERREIRA DA COSTA

Por ali, a nossos pés, foi o campo da Vitoria: vitoria de ha um ano, e já hoje timbrada de legenda —aureo signo de toda a epopeia. São letras fundas de inscrição, em marmore aparelhado, que nos recordam, comovidos, a ordem celebre *une troupe qui ne peut plus avancer devra se faire tuer sur place*; o sublime anonimato dos tres-mil que, meramente obedecendo, resistiram com efeito, em Marville, a toda uma divisão imperial; o exercito de Paris, reu-

nido a urgencia pelo governador da cidade, enviado em reforço por automoveis de praça e, como os elefantes da Salambôo, lançando de subito o panico e o Milagre, vendo-se então, pela altura, os aeroplanos revoando a descobrir o intervalo entre os dois exercitos germanicos, naípe decisivo da vitoria. Sob a mesma comoção evocamos o pobre e velho piano abandonado que uma noite surgiu em pleno campo de luta; a guarda do Kaiser, em confusão infernal, abismando-se pouco a pouco, uivo a uivo, nos pantanos de S. Gond, levando dias a sumir-se; tanta bandeira tomada, tanto éco de clarim, tanto silencio morto... Paris salvo! — no recuo desordenado do Grande Ogre, até ao desaparecimento teatral, sob as trincheiras, das malditas Legiões dos capacetes ponteados...

Hoitem, apenas o combate, a vitoria, o pasmo; mas já hoje, subtilmente, a memoria do triunfo, erguida a oiro e sangue, a cristal e Asas: monumento da lendaria heroicidade digno do altar de Patria!

Hontem a batalha... hoje o aniversario! Como se volveu um ano! Silencio á luz do crepusculo... A terra não treme n'este outono; dorme, dorme aconchegando os corpos que sobre ela tombaram exangues... E entre as flôres, que nasceram depois da batalha, levantam se as cruzes, afigurando-se o conjunto a uma aldeia de campas gentis, pequeninas, que não fazem medo ás creanças, cemiterio embandeirado e coberto de grinaldas, porque a romaria das viúvas, das noivas e das mães trouxe agora, com as lagrimas, os presentes de anos aos seus mortos. Violetas precoces, trouxe esta irmã; li azes, a

noiva linda que tem Paris nos seus crepes; rosas brancas de luxo, aquela amante de teatro...

Meu Deus, tanto carinho perdido! Que vontade de chorar... mais funda, mais desolada ainda, porque essas maguas todas, essas dôres de Ausencia, o tempo—sem remedio—um dia ha de apagar... Tu, minha noiva gentil, que não esqueceste uns laivos de carmin em tua boca parisiense, mesmo por este aniversario, tens vinte anos e hasde ainda sorrir; saberás enlaçar o companheiro proximo da tua existencia, apesar das lagrimas de hoje e de toda a saudade na recordação pungente do ultimo beijo do *outro*, antes de partir... E tu, minha irmã, irás tambem na vida, como tu, minha amante de teatro, has de te dar de novo pelo coração...

Para quê, para quê, tanto luto, tanto tormento, tanto sacrificio?... «Ai!, se ao menos estas dôres fossem eterna!...» N'esse caso, sim, talvez valesse a pena sofrel-as... E é exatamente pela sua efemeridade que as acho mais crueis, que sinto melhor minhas lagrimas...

... Emtanto, ali, no peito d'aquela creatura desolada, a amargura talvez se albergu: para sempre; talvez que até á morte os soluços ainda rompam do peito d'essa velha mãe que se esqueceu de tudo das proprias flôres que deixou cair a seu lado, em vez de juncar com elas a sepultura do filho — e se estiraçou, louca de dôr, alheada de tudo, na sua desgraça, sobre a terra humida... Mais longe, essa pobre viuva, que se diria uma avó, sustentando nos braços dois filhos pequenos... Já eram tamanhas as ralações, tão duro o trabalho que, antes dos anos lhe embranqueceu o cabelo, lhe enrugou as faces... Mas ainda tinha o seu homem, o seu querido homem. Lá isso pão com fartura, sempre, em sua casa havia! Hoje... Hoje — eis tudo — ha que traballar por dois por que tem de haver o mesmo pão na sua casa coberta de luto.

Enrosca-se-me um calafrio pela espinha: o

signal sagrado das grandes emoções; compreendo a vida; tenho, como nunca tive, a noção do *dever*! Os olhos enevoam-se-me... mas puxo pelo braço do meu companheiro, e sei apenas murmurar:

— Que belo!...

Ermos dois Artistas, essa tarde de outono, perto de Meaux, em pleno campo da Vitoria...

Paris — Outubro de 1915.



Sobre a sepultura dos mortos do Marne:—Uma pobre viuva



Sobre a sepultura dos mortos do Marne:—Uma noiva parisiense